

ID: 112437634

02-08-2024

# Mais de 16% dos professores querem reforma antecipada

**Cristiana Faria Moreira**

Quase 88% dos professores que participaram num inquérito da Federação Nacional da Educação (FNE) consideram que o reconhecimento social da sua profissão é negativo. Em linhas gerais, a maioria dos educadores e dos professores portugueses gostam de dar aulas “mas sentem que a sociedade não tem um reconhecimento positivo do seu trabalho, e consideram que não têm uma remuneração que corresponda ao nível das qualificações e competências que lhes são exigidas”. Dentro da escola, preocupam-se com o excesso de trabalho administrativo e assinalam um receio crescente com a indisciplina dos alunos.

Este inquérito que a FNE e a Associação para a Formação e Investigação em Educação e Trabalho (AFIET) realizam anualmente desde 2001 foi feito em Junho a uma amostra de

3570 docentes dos diferentes níveis de ensino não superior que a FNE considera representativa dos docentes portugueses.

Entre os inquiridos, 75% dizem sentir-se realizados com a profissão. Ainda assim, a esmagadora maioria não incentivaría um jovem a ser professor: 89% afirmam que as perspectivas de desenvolvimento da carreira são pouco ou nada atractivas (94% em 2023 e 96% em 2022). A par da falta de expectativas, 94% dos docentes sentem-se descontentes com o salário. Por isso, nos próximos cinco anos, 16,4% dos professores admitiram que desejam aposentar-se, ainda que antecipadamente, enquanto 10% disseram querer continuar a dar aulas e ter uma segunda actividade.

Questionados sobre o maior problema ou desafio que enfrentaram este ano lectivo, 30% assinalaram a “quantidade de trabalho administrativo”. A carga burocrática a que os

docentes estão sujeitos é, de resto, motivo de protesto há vários anos e surge como transversal a todos os níveis de ensino. Segue-se ainda a dificuldade de conciliar o trabalho com a vida pessoal e familiar, assinalada por 22% dos docentes.

Mas o que sobressai na consulta deste ano é a indisciplina na sala de aula: para 16,5% dos professores, este foi o maior problema que enfrentaram neste ano lectivo – quase mais seis pontos do que em 2023, quando 10,8% apontavam esta situação. A maior parte dos professores nota ainda sentir falta de apoio por parte dos pais e encarregados de



A preocupação com a indisciplina na sala de aula é partilhada por um número crescente de professores

educação para lidar com situações de indisciplina.

Quando se lhes pergunta o que gostavam que mudasse na sua escola, 29% dos professores inquiridos assinalam a diminuição da quantidade de trabalho administrativo, cujas tarefas 70% consideram inúteis. Somam-se 24% dos que querem ver “respeitados os limites” do seu tempo de trabalho – um desejo sobretudo expressado pelos professores com menos de 30 anos – e ainda os mais de 19% que desejam ver diminuído o número de horas de trabalho directo com os alunos. E há mais 13% que assinalam a necessidade de mudanças ao nível da disciplina dentro da sala de aula.

Repetem-se necessidades antigas como o reforço do pessoal docente e de apoio educativo, nomeadamente aos alunos com necessidades educativas especiais, identificado por 17% dos professores. Para colmatar

algumas destas questões, 42% dos docentes dizem que a escola deveria ter mais autonomia na definição dos currículos, calendário e modelo de avaliação dos alunos. E cerca de metade avalia negativamente a utilidade do Conselho Geral – órgão responsável pela definição de linhas orientadoras da escola, onde está representada a comunidade educativa – para a gestão das escolas.

Com o digital a entrar cada vez mais na sala de aula, menos de metade dos professores concorda com a sua utilização pedagógica: apenas 44% (32% em 2023) consideram que os telemóveis devem ser usados pelos alunos na sala de aula. A esmagadora maioria (80%) dos professores discorda ainda da utilização dos telemóveis pelos alunos no recreio.

Quanto aos manuais digitais, apenas pouco mais de 33% dos docentes concordam com a sua utilização no processo de aprendizagem.